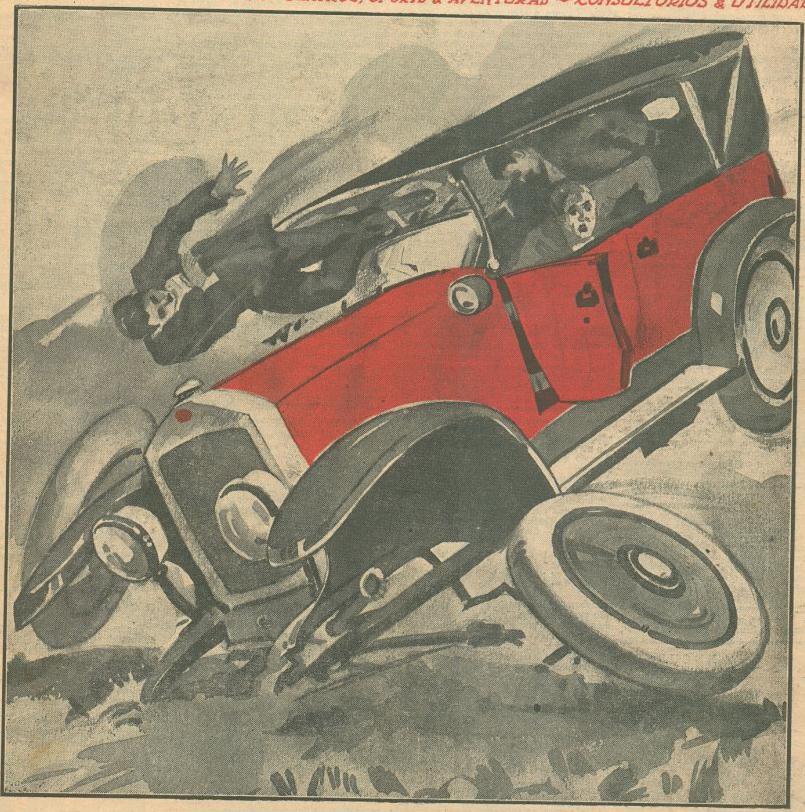
A maior tiragem de todos os semanarios portuguezes

NUMERO 38 PREÇO AVULSO 1 ESCUDO 12 PAGINAS

O DOMINGO ilustrado

SEMANARIO
R. D. PEDRO V-18
TELF. 631-N. LISBOA

AGENTES EM
TODA A PROVINCIA
COLONIAS E BRAZIL

NOTICIAS & ACTUALIDADES GRAFICAS – TEATROS, SPORTS & AVENTURAS – CONSULTORIOS & UTILIDADES.

Um grave desastre de automovel

Em Saragoça (Hespanha) uma familia portuguesa que seguia numa excursão de automovel, foi vitima de um desastre, no qual morreu um português muito conhecido e estimado em Lisboa.

Veja o nosso concurso de novelas curtas

O DOMINGO ilustrado

ANO I — LISBOA 4 DE OUTUBRO DE 1925 — N.º 38

PROPRIEDADE DA EMPREZA O DOMINGO Ilustrado

DIRECTORES: LEITÃO DE BARROS E MARTINS BARATA

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS—R. D. Pedro V, 18—Tel. 631 N. — CHEFE DA REDACÇÃO HENRIQUE ROLDÃO—EDITOR LEITÃO DE BARROS—IMPRESSÃO—R. do Seculo, 150

Ecos

Um eco que teve eco...

Do ilustre critico e escritor sr. Nogueira de Brito, recebemos uma carta, que é uma bela pagina de analise literaria e... uma lança em defeza de determinada opinião sobre uma das nossas poetizas.

Dando publicidade á carta do sr. Nogueira de Brito, queremos prestar homenagem ás brilhantes qualidades literarias do autor e ainda vincar de uma maneira absoluta, a nossa imparcialidade e o nosso respeito por todas as opiniões.

Ha sempre vantagem em lêr as pessoas que sabem escrever e que escrevem o que sabem. Assim se deu agora com o eco publicado no ultimo numero do «Domingo ilustrado» e em que apoz curtas considerações se convidavam os leitores da rev'sta «De Teatro» a rasgar a pagina do recente numero desta publicação, como atentatora da Moral, e em que uma poetiza-actriz fazia a apologia das «peles».

Tive já o cuidado de escrever moral, com M grande, não vá parecer que eu pertenço ao numero dos libertinos que avaliam da pudicicia, conforme as letras maiusculas ou minusculas...

O comentador inocente, que vem em defesa da honestidade dos leitores da «Da Teatro». esqueceu-se certamente de nos definir precisamente o que seja Moralidade, porque já o tenho visto nas premieres de Bataille e nos chás elegantes pa condessa X, onde o espalhafato do «rouge» de certas donzelas, tementes a Deus, se confunde com a côr das meias que o critico considera obsceno vêr vestidas em certas damas despidas. Daí talvez a divisão em «nú-nú» e «nú-vestido». Seria paradoxal se não fosse bem achado para a defeza da tese moralista! Convidamos desde já os emprezarios dos teatros de revista a abolir os fatos e a apresentar-nos o corpo coral, com toda a primitividade feminina.

O comentador esqueceu-se tambem da transparencia dos vestidos que espaventosamente ostentam as elegantes que vão com ele, no mesmo carro circulante do Rocio-Rio de Janeiro. Não ha imoralidade, convença-se o critico, onde não ha intenção do pecado e muito menos o ha, agora, em que a evolução da moda nas mulheres, decretou como moral o que ha anos parecia pornografico. Sobre o nú vestido e sobre o nú despido, a questão reside na qualidade do nú e na indulgencia dos olhos que o veem! Trata-se de saber simplesmente se ha arte, ou não. Nos versos da autora da «Sinfonia Pagã», não falta ritmo, cadencia, imagieação e até... movimento se o autor do eco quizer. E, afinal a poetisa cujo paganismo é duma sinceridade inedita, repudiou as sedas das «parures» e o «escosse» das meias, para fazer o elogio da «pele» e dos «pelos». E as peles, pelo menos até hoje, só se fizeram para envolver desde o corpo mais airoso á figura mais aberratina. O que o comentador deveria ter dito é que o perigo dos versos, consistia tão sómente em dar um aperitivo ás exigencias femininas, pondo em sobresalto a bolsa dos que tenham de pagar essas «pelinas», adoraveis, que queira o comentador ou não, são para as senhoras uma verdadeira tentação. O resto é com quem as compra e com quem as gosa.

Deixemos a moralidade entretida com os relogios na curva das pernas e as pulseiras junto aos hombros das mulheres com que todos dias nos encontramos, quando eu saio da revista «De Teatro» e o comentador entra nos Lausperenes.

NOGUEIRA DE BRITO

RECURSO

—Camarada! Se queres suicidar-te, dá-me primeiro o casaco que me faz muito arranjo e para isso não te faz falta!

Questão prévia

EIS-ME de volta á cidade e á cronica, aos horisontes curtos de cal e areia e aos equilibrios na corda bamba dos assuntos cronicaveis. O numeroso leitor que deu pela minha ausencia durante o placido Setembro, que tão rapidamente decorreu, de si para consigo estará esperando que esta deslavada e clorotica prosa semanal tenha ganho, no contracto com as brisas salinas, novas e saudaveis côres, que venham a dar-lhe aquele ar torrado e vermelhusco, que é indice duma explendida saude.

Infelizmente a cronica, penetrando no ambiente da cidade, só depara assuntos doentios e desagradaveis, em que não pode saudavelmente exercitar-se. Afeito aos horisontes sem fim, duma belesa calma e repousada e em que a mesma bruma matinal parece feita de perolas moidas, sucoam-na os ares turvos de boatos, pesados de maus presagios, carregados de suspeição e mal estar. No regresso a cronica encontra a vida da cidade como a deixou, ao partir: inquieta, politiqueira e com mau halito.

* * *

Ocupemo-nos então de mim e de ti, leitor estimavel e unico, que notaste a minha curta ausencia dum curtissimo mês.

Possivelmente, se não pudeste deixar a poeira da cidade, terás sentido uma ligeira ponta de inveja a espicaçar-te o amor proprio em presença da minha «chance», que me permitiu um mês de repouso.

O meu repouso!... Que cançado eu venho d'ele!... E' que eu fiz aquele mês de ferias que as circunstancias me permitiram e que consistiu em ir morar para os arredores e vir todos os dias a Lisboa, correr para os comboios de manhã e á noite e almoçar mal e caro nos restaurants da Baixa. Não me diverti, não repousei, não cheguei a deixar-me crestar pelo sol e pelo ar salgado, mas cumpri o ritual. Todavia nos raros momentos em que me foi possivel encarar um pouco a beleza do mar azu e do ceu azul agradeci-lhes comovido a amabilidade de se vestirem assim de tão lindas côres, para regalo dos meus olhos, pedindo-lhes ao mesmo tempo desculpa de não me extasiar por mais tem-o, mas não podia perder o comboio das 9 e 46. Alem de tudo o mais de desagradavel me aconteceu na minha viligiatura, estraguei um par de botas e outro de sapatos, por causa do mau estado das estradas. Faço aqui esta confissão intima na esperança, bastante ilusoria, de que o Ministerio do Comercio e Comunicações me indmnise do importante prejuizo, por conta das reparações alemãs ou das estradas, tanto me faz.

* * *

Nisto de ir para fora o melhor ainda é o regresso. Nos primeiros dias gosa-se o inefavel prazer de já se não ser escravo do horario dos comboios, de poder levantar um pouco mais tarde e demorar o cavaco no café, sem a preocupação de que o ultimo comboio parte dentro de meia hora.

E depois, que fina e emocionante sensação a de virmos encontrar as nossas coisas, entre as quais vivemos onze mezes no ano. Os moveis, desembuçados das capas em que dormiram o verão, teem um ar acolhedor e afavel. O fauteuil do escritorio abre-nos os braços convidativos e dir-se-ia que, descerrando as portas da estante, os livros nos sorriem, como amigos agradados da nossa volta ao seu convivio.

Só por gosar esta grata sensação de acolhimento carinhoso, eu gostaria de que se inventasse a maneira d« se voltar sem ter de partir.

Não haverá por aí nenhum Edisson disponivel que queira tentar o maravilhoso invento?

Boatos...
Boatos...
Boatos...

Lisboa habituou-se tanto ao boato que já não pode viver sem ele. Faz parte já da cidade, da sua vida, do seu movimento de capital.

Ha pessoas que saem para a rua só para saberem qual é o boato. Nos ultimos quinze anos o boato adaptou-se tanto a Lisboa e Lisboa tanto ao boato, que, se por acaso vem um dia em que «não encontra nada», a cidade tem um ar de tristeza, de desalento, e os habitantes não se sentem bem.

Esta semana foi fertil no boato.

Eram os de 18 Abril que iam declarar guerra aos de 19 de Outubro, os de 27 de Abril que iam romper com os de 14 de maio, os de 31 de Janeiro que hostilisavam os de 5 de Outubro, uma trapalhada de datas que, nas melhores contas, ninguem se salvaria.

Afinal, os jornais limitaram-se a publicar o já tradicional «aforismo», «O governo tem a ordem assegurada» Tudo parava até ás quatro da tarde, mas ao anoitecer, eram novamente os boatos aos cardumes:

A guarnição vai impôr, os civis estão preparados, o José Domingos vai dar o sinal, a cavalaria já está montada, as divisões da provincia vão tomar o comboio, etc, etc...

E o boato varre a cidade, fecha cafés e restaurants, acaba com os automoveis nas praças e só tem uma unica entidade que o bem diz: A esposa que vê entrar o marido para casa mais cedo que o habitual...

Duelos

Ha dias realizou-se n'um dos arredores de Lisboa, um duelo motivado por qualquer coisa havida durante os julgamentos da Sala do Risco.

Como de costume, houve convidados, automoveis e fotografias.

Dois cavalheiros estiveram certo tempo, esgrimindo duas espadas de bico e por fim, como um dos protagonistas do barulho sofresse uma arranhadura n'um braço, os «medicos de serviço» abriram oposição á marcha do duelo, porque um dos esgrimistas estava em manifesto estado de inferioridade.

Os dois cavalheiros reconciliaram-se e, não dizem as cronicas se foram almoçar juntos.

Qual dos dois homens tinha mais razão?

Eis uma pergunta a que por certo os organisadores do combate não saberiam responder com facilidade...

Phosforos para portuguezes comprarem

Já estão de novo á venda aquelas celebres caixas de fosforos da companhia que, alem de não acenderem, custam dois tostões. Já habituados aos «Three Stars» suecos, fosforos muito simpaticos que acendiam sem ofender ninguem, eis-nos de novo com esse material de explosão que a nossa florescente industria fabrica para nos obrigar a gastar dinheiro e a recorrer-mos a intervenções cirurgicas sempre que tenhamos de arriscar a vida para acender um cigarro!

Bem dissemos nós que aquilo de fosforos bem feitos era por força coisa de engano! Podia lá ser! Fosforos que acendiam?!

Isso é bom para gente branca!

E ainda ha quem duvide d'um proximo terramoto muitissimo superior ao de 1755...

Ecos

O celebre relatorio «Ross»

Na Assembleia da Sociedade das Nações, uma instituição muito comica, inventada para os povos chegarem ao acordo de a manterem e com ela, tres duzias de grandes senhores, tem havido grande discusão porque um inglez sustenta que em Angola e Moçambique se exerce a escravatura e o delegado portuguez, sustenta o contrario.

Ora parece que no caso, ambos teem razão mas que veem a coisa por prismas opostos. Realmente, na Africa Portugueza não ha escravatura, mas aqui na metropole, é que a ha e valente. E o delegado portuguez sabe isso á maravilha...

O caso das peles em verso

Lemos num jornal da noite uma noticia referente a um comentario feito no nosso jornal a uma poesia erotica publicada numa revista.

Como não vai o tempo para reclames de graça, não falamos mais no assunto, lamentando comtudo que a autora da poesia não se tenha lembrado, antes de escrever a produção, daquele celebre aforismo que acaba: «não lhe veste a pele»...

Os actores e a grafologia

Na nossa pagina de actualidades graficas, damos hoje algumas analises grafologicas feitas pela nossa ilustre colaboradora «Dama Errante» sobre autografos de algumas actrizes e actores.

Dado o invulgar sucesso que teem causado os estudos da inteligente grafologa já publicados no «Domingo Ilustrado», estamos certos que a publicação das ditas analises vão ter um enorme exito e vão documentar mais essa sciencia já hoje tida como oficial e que tantos conhecimentos de varia ordem tem trazido.

As bombas e a falta de casas

Aquele atentado dinaminista da rua Cidade da Horta, veio abrir um novo caminho á «arte de por os inquilinos na rua», arte hoje desenvolvidissima em Lisboa e que dia a dia vem sendo ampliada. Mal se deu o estoiro, logo uma senhoria se lembrou de escrever cartas á policia dizendo que determinados hospedes estavam feitos com o autor do atentado e, como aqueles foram presos, eis que a senhoria fica de posse dos quartos.

O «truc» como engenho é de primeira ordem, simplesmente parece que a policia descobriu a tramoia e tornou a pôr os presos onde os tinha tirado. Se não é esta descoberta e a moda pega, todos os dias teriamos centenas de atentados em varias casas e a policia não teria mãos a medir com a correspondencia...

O Charadista

Recebemos os numeros 21, 22 e 23 desta explendida Revista Charadistica que se publica em Lisboa sob a superior direcção do abalisada e distinto charadista, sr. João Francisco Lopes (Jofralo), cuja insere uma vasta e bem cuidada colaboração firmada por autenticos mestres da especialidade.

EQUILIBRIO

—Você passa todo o verão tomando aguas!
—E' verdade! E todo o inverno tomando vinhos!

HUMORISMO

crónica alegre

O Elias, o pontual Elias, da 4.ª repartição da Agricultura Naval, andava á uma semana mudo e cabisbaixo. Falta de dinheiro? Talvez.

Mas isso, não era motivo para aquêle ar funebre porque o Elias, habituado desde tenra infância a uma pelintrice escovada e digna, creára para seu uso particular uma filosofia simples; quando via os automóveis dos outros ou aspirava o perfume dos havanos dos outros, olhava para as suas botas cambaias e para a sua hipotese de cigarro, encolhia os ombros sorrindo, e tinha esta frase resignada: *ora, deixá-lo!*

No ministério era a melhor letra e a

maior competência. Para uma simples conta de somar, o ministro chamava o Elias; para se saber que horas eram chamava-se o Elias e, se por acaso o Elias faltava, ninguem sabia servir-se dum mataborrão ou duma campainha eléctrica.

Apesar disso nunca passava de amanuense. Via-se preterido nas promoções em todos os quatorzes de maio e quando o instigavam a que protestasse, Elias encolhia os ombros e suspirava: *ora, deixá-lo!*

Porisso aquela tristeza subita impressionou toda a gente.

Ontem, á saída da repartição abordei-o inquirindo dos motivos de tão estranha metamorfose.

Elias mastigou em sêco, contrariado, e por fim, estendendo-me a mão abreviou: «desgostos de família», E ía a esquivar-se. Segurei-o com brandura e travando-lhe do braço, amigavelmente, ofereci-lhe os meus prestimos; falei-lhe da nossa camaradagem, dos inconvenientes da solidão, dos Três Mosqueteiros e do preço das carnes verdes. Isto pareceu comovê-lo, e, então, entre lagrimas e gestos de desânimo, contou-me os porquês das suas máguas.

Elias é casado e tem um filho, filho que, apesar de manipulado com todo o carinho e precauções, saiu imperfeito como o preterito do verbo amar. Por culpa da esposa? Não! D. Emereciana, não sendo uma beleza absolutamente peregrina, distingue-se comtudo, entre o seu sexo, por um ornamento capilar bastante notável que por modestia barbeia todas as semanas. Foi o caso que, achando-se a pobre senhora no sexto mez de gestação duma gravidez fulminante, manifestára desejos por uma pele de raposa que tinha visto numa loja da rua Augusta. O marido não fez grande caso. As visinhas ainda aconselharam: «Comprelhe a pele, sr. Elias; olhe que a criança pode vir de boca aberta». Elias, por comprazer foi saber o preço e, quem veio de boca aberta foi êle. Tendo que lá deixar a própria pele, desistiu.

A esposa entristecia a olhos vistos, mas o nosso bom homem encolhia os ombros, pacientes, murmurando: *ora, deixá-lo!*

Tempo depois nascia um menino; mas,—oh capricho da natureza!—as feições eram de rapoza escrita e escarrada, e em tudo semelhantes á do original desejado!

Elias esteve para morrer, mas lembrando-se de que faltaria á repartição, sacudiu o desgosto, consolou a mãe e beijando o filho exclamou quási alegre: *ora, deixá-lo!* E a vida deslisava serena como em mar de rosas. O rapaz foi crescendo e, a não ser o ligeiro contratempo de ficar todos os anos reprovado no 1.º grau, a influência da raposa não lhe alterava as funções do tubo digestivo.

Porêm,—aqui começa a tragedia—D. Emerenciana novamente gravida de seis meses, desejou há oito dias um bife de vaca!

Elias, com o exemplo do primeiro fenómeno, resolveu desde de logo satisfazer-lhe o desejo e, a ocultas, tendo empenhado o rológio e a bengala de castão de prata, e com o auxilio de três meses adiantados que pediu na repartição, lançou-se como doido por essas ruas em busca do bife redentor.

Nos talhos, onde a principio o procurou, os magarefes sorriam com despreso ao ver um pelintra, de fato virado, pedir uma coisa daquelas que, apesar de não existir, custava uma fortuna. Alguns, mais novatos, nem sabiam o que era, e Elias munido dum lapis desenhava sôbre a pedra do balcão uma vaca e indicava o local donde provinha o referido manjar.

Chegaram a cuspir-lhe na cara.

Procurou nos restaurantes. Só um criado velho, no Leão, se lembrava de ter visto um *bife* quando foi do *ultimatum*, mas êsse mesmo tinha desaparecido para as bandas do mar.

Poz anúncios, ofereceu alviçaras, mas apenas lhe respondiam senhoras respeitáveis pedindo vinte mil reis para uma aflição de pouca permanência.

Estava exausto; necessitava dum conselho.

—Coração ao largo!—disse eu para o animar.—Tem paciência e espera.

—Esperar!—volveu êle no cume do desespêro—Pois não vês que, não tendo eu satisfeito o desejo da pele, o filho sai-me raposa?! Supõe agora que não satisfaço o do bife e me sai uma filha vaca!

E dizendo isto Elias com o rosto oculto entre as mãos chorava como um vitelo.

—É lá possível—insisti—E... mesmo que assim fôsse, há animais dêsses com uma certa beleza...

—Beleza! *Ora, deixá-lo!* O que me rala é a repartição, o meu lugar! Podem pensar que eu jogo.

—?!

—Sim, começam para ai a espalhar que faço vacas... e sou despedido!

Creio que o Elias não está bom da cabeça.

Hoje entrou na repartição a pé coxinho e deu uma marrada no chefe.

—Arre seu Elias—disse êle—Você parece um boi!

E o Elias com um sorriso demente:

—Pareço? *Ora, deixá-lo!*

E poz-se a lamber um ofício.

JOÃO BELTRANO

MODAS

—Repara no cabelo d'esta senhora!
—Já vi que o tem cortado!
—Sim, cortado ha quinze dias!

Actualidades no cinema

MAE MURRAY

a deliciosa «wamp» que interpreta a super-producção de luxo «A Boneca Franceza» com que se inaugura a epoca de inverno no Cinema Condes

CONSTANÇA TALMADGE

a deliciosa actriz comica que, com Harrisson Ford e Keneth Harlan, realisa a melhor interpretação da semana cinegrafica no film «Primeiro Amor» no Condes.

HONRADEZ

—Por este colar só lhe podemos dar doze contos!
—Não! Dê-me só trezentos mil reis porque é falso e eu não quero sarilhos...

VARIA

LAWN-TENNIS

A superioridade dos americanos. Ainda DAVIS CUP

O desenvolvimento notavel que o lawn-tennis tem tido por todo o planeta nos ultimos anos, ultrapassa as melhores previsões.

Se ha um quarto de seculo, as boas «raquettes» eram apanagio de inglezes e americanos, hoje os bons tenistas são em grande numero, e nações ha, como o Japão, Australia e França, que possuem elementos excelentes.

Os franceses, então, nas ultimas epocas, graças a uma boa escola e a um persistente metodo, teem afirmado de maneira insofismavel o seu valor e Lacoste, Borotra, Brugnon, etc. são hoje considerados dos melhores, entre os primeiros.

No entanto o lawn-tennis, graças á «Davis Cup» é dos poucos ramos sportivos, em que é possivel obter uma classificação referente ao valor tecnico de cada paiz.

Nesta relação, os Estados Unidos da America do Norte, manteem desde 1920, o primeiro plano.

Triunfantes em todas as provas de tennis nos Jogos Olympicos de Paris, os americanos graças aos seus extraordinarios tennistas, Tilden, Johnston, Williams e Richards, são reconhecidos como campeões incontestaveis.

Este anno, a inscrição da «Davis Cup» reuniu 23 nações, entre as quaes pela 1.ª vez o nosso paiz, divididas em duas zonas uma europeia e outra americana.

Na 1.ª zona, a França tendo triunfado da Hungria por 5 partidas a 0, foi oposta á Italia (que dominára Portugal por 4 a 1), da qual saiu victriosa facilmente por 5 a 0.

As meia-finaes, reuniram a Holanda, vencedora da Suecia por 5 a 0, e as Indias Inglesas, triunfantes da Austria por 3 a 0, dum lado e a Inglaterra, victoriosa da Dinamarca por 3 a 0 e a França, do outro.

A Holanda tendo eliminado as Indias Inglesas e a França derrotando a Inglaterra, a final da zona europea, reuniu em Amsterdam, frances e holandeses, tendo ganho os primeiros citados por 3 partidas a 0.

Na zona americana, a Australia conseguiu triunfar, dominando sucessivamente o Haiti e o Japão, que bateu a Hespanha.

A' semelhança do anno anterior os franceses e australianos disputaram entre si, a honra de jogar o challenge-round contra os americanos.

A lucta entre a França e a Australia foi emocionante em extremo, os francses conseguindo pela 1.ª vez triunfar por 3 a 2.

As exibições de Borotra e Lacoste foram notaveis, que os criticos americanos anteveram por momentos a possibilidade de a França ganhar a «Davis Cup».

O encontro final veiu ruir todas as esperanças do velho continente. Os americanos triunfaram por 5 partidas a 0.

No entanto, o fenomenal Tilden conseguiu derrotar Borotra e Lacoste após cinco sets, emquanto que Johnston liquidou os seus encontros com os mesmos franceses sempre em 3 sets. Em doubles, Williams e Richards triunfaram de Borotra e Lacoste egualmente em tres sets.

A superioridade americana fôra mais uma vez comprovada.

HISTORIA DA TAÇA

A creação da «Davis Cup» remonta a 1900, e foi com excepção de 1901, 1910 e de 1915 e 1918, organisada anualmente.

Nos trez primeiros anos, o trofeu foi disputado unicamente entre ingleses e americanos. A partir de 1914, a taça foi posta em competição entre-nações.

O seu palmares é o seguinte:

1900 — Estados Unidos vencem Grande-Bretanha.

1902 — Estados Unidos vencem Grande-Bretanha.

1902—Grande-Bretanha venceu Estados Unidos.

1904—Grande-Bretanha venceu Belgica.

1905—Grande-Bretanha venceu Estados Unidos.

1906—Grande-Bretanha venceu Estados Unidos.

1907—Australia venceu Grande-Bretanha.

1908—Australia venceu Estados Unidas.

1909—Australia venceu Estados Unidos.

1911—Estados Unidos vencem Grande-Bretanha.

1912—Grande-Bretanha venceu Australia.

1913—Estados Unidos vence Grande-Bretagne.

1914—Australia venceu Grande-Bretanha.

1919—Australia venceu Grande-Bretanha.

1920—Estanos-Unidos vencem Australia.

1921--Estados-Unidos vencem Japão.

1922—Estados-Unidos vencem Australia.

1923—Estados-Unidos vencem Australia.

1924—Estados-Unidos vencem Australia.

1925—Estados Unidos venceu França.

CAMPEONATO AMERICANO

O torneio nacional americano de lawn-tennis, realisado após a final da «Davis Cup» reuniu os melhores tenistas americanos, franceses, australiaos, japoneses e hespanhoes.

Novamente a superioridade dos americanos não sofreu contestação. Borotra e Lacoste foram eliminados nas primeiras voltas sendo Manoel Alonso o unico estrangeiro que atingiu os quatos da final.

As meias-finaes reuniram os quatro representantes americanos na «Davis Cup» triunfando finalmente Tilden, após um match formidavel que durou cinco sets, com o seu eterno challenger Johnston.

Tilden consegue assim manter ha cinco anos seguidos, o titulo invejavel de campeão americano de lawn-tennis.

DRIVE

CAMPO PEQUENO

Se não fosse atender ao fim altruista a que se destinou a receita da tourada de domingo, eu diria que a corrida tinha começado por uma parodia e findado numa cegada...

O aguasil, o passeio da «quadrilha», o «cabalero en plasa», as mulas de arraste, a lide do primeiro touro em pontas pelo cavaleiro e a entrada dos picadores para o segundo touro, deu-nos a impressão de estarmos assistindo a uma corrida á hespanhola «de verdad», mas quando se abrem de par em par as portas do «chiquero» e vimos sair o touro embolado, a fantasia transforma-se por completo na mais triste desilusão e os protestos surgem sonoros e revoltantes contra os organisadores da corrida que tinham de respeitar as ordens super-administrativas para os picadores não lidarem touros desembolados.

Não era desconhecido de quasi toda a gente a prohibição dos touros em pontas para os picadores, mas como uma parte d'esse publico vê as cousas pelo lado da sua conveniencia, não olhando ao objectivo da corrida, preferindo cavalos estripados na arena, a socorrer as viuvas e orfãos dos soldados mortos em combate, manifestou-se contra os menos culpados protestos que se mantiveram até á primeira vara do picador «Moreno», bastante aplaudida, voltando a repetir-se a «revolta», mas, desta vez muito justa, contra o lavrador que forneceu touros mansos, fugidios e mal intencionados, que apenas tinham de bons a aparencia.

Dos tres «diestros» sobresaiu «Paradas» que esteve superior em bandarilhas, capote e muleta, não desagradando o trabalho dos seus colegas, que deligenciaram tirar melhor partido das pessimas reses que lhes couberam.

Ricardo Teixeira, farpeou com valentia o primeiro touro, cravando tres bons ferros aplaudidos.

No ultimo touro, o melhor da corida, depois de receber algumas bôas varas e quando «Paradas» o passava de «muleta»—aqui agora começa a cegada . . . —saltam dois policias á arena para prenderem o espada, pelo motivo d'este ir munido de um estoque «de verdad» e tentar matar o touro, por desconhecer as leis de Portugal!

Após algumas explicações tudo serenou, ficando, portanto, sem efeito a detenção de «Paradas» que deixou belas impressões por todo o seu trabalho artistico e valente, muito em especial quanto ao partido que tirou com os touros pessimos da firma Ribatejana Ld.ª

A direcção da lide a cargo do critico, «Rodriguito», muitissimo acertada.

ZÉPEDRO

Hoje, ás 4 1/4 horas, ultima apresentação, nesta epoca, dos jovens cavaleiros, Casimiros com o seguinte programa:

1.º touro—José Casimiro
2.º » —Bandarilheiros
3.º » —Manoel Casimiro Junior
4.º » —Bandarilheiros

INTERVALO

5.º touro—Ricardo Teixeira
6.º » —Bandarilheiros
7.º » —José Casimiro Junior
8.º » —Bandarilheiros

Este programa pode ser alterado por qualquer motivo imprevisto.

RUBINO FELIX DA SILVA (Lisboa).—A meu ver, são perturbações cardiacas resultantes de arterio-esclerose.

As elucidações que V. Ex.ª me dá sobre o seu caso tão complexo, não são suficientes. Mas creio não errar, afirmando-lhe que há abundancia de acido urico no sistema vascular. Não vejo inconveniente em receitar-lhe o *Urol*. Dir-me-ha daqui a alguns dias das suas melhoras, porque vae senti-las com certeza.

JOHN WELCOME (Lisboa). — Não ha duvida que uma injecção de morfina é o unico calmante para essas colicas nefriticas angustiantes. Mas o amigo corre o risco de, pela frequencia, se viciar, e então, os resultados seriam desastrosos. Melhor será combater a causa. Faça uma analise ás suas urinas, embora não restem duvidas quanto á natureza das suas colicas.

Essas «pedras nos rins» vão desaparecer-lhe tambem com o *Urol*, o remedio acima indicado, e que é um poderoso dissolvente, muito mais energico que as «lithinas», os salicilatos de sodio», as «uroforminas», as «piperazinas».

Deve, porém, secundar a cura com um regimen alimentar: Abstenha-se de carnes, de frutas acidas, de comidas picantes, de alcool de ovos—(os ovos não estão indicados no seu caso). Prefira o peixe, não salgado, e os vegetaes, acima de tudo.

ERNESTO XXX (Porto) — A reacção de Wassermann que acaba de fazer é positiva. Esses XXX indicam realmente um estado agudo. Entregue-se nas mãos de um facultativo para lhe aplicar em seguida, uma serie de injecções mercuriaes. Cada medico tem os seus saes predilectos.

O meu é o *Oxycianol* que me tem resultado maravilhosamente em todos os casos sifiliticos. Esses saes, arseno-mercuriaes, não trazem as complicacões que são frequentes com outros saes de mercurio. Mas V. Ex.ª antes de tudo, deve seguir o conselho do seu medico, já que foi por indicação dele que fez a analise de sangue.

TUBERCULISAVEL (Extremoz).—Quantas apreensões, n'uma idade em que não se deve desesperar! E' preciso crêr na vida! Está ai muito bem, num clima explendido.

Recomece os seus passeios. mas sem se fatigar. Faça um uso prolongado da *Nucleocacina*. Alimentação forte, mas não superabundante.

Escreva-me d'aqui a 10 dias, dizendo como se sente.

CHARLOT PENCUDO (Lisboa). —1.º Ha quem faça habitualmente, uso dos saes de frutos. A meu ver, é um mau habito. Devemos antes habituar a natureza a exercer por si, as suas funções. E consegue-se, creia.

2.º—Não se devem tomar purgativos senão em casos excepcionaes: Debilitam o organismo.—3.º—Sempre com agua fervida.

DR. XISTO SEVERO

P. S. A administração agradece qualquer quantia enviada para os pobres deste jornal.

á sucapa...

Rir, Rir!

Ha em Portugal varios rapazes, mais ou menos funcionarios publicos, que nas horas vagas têm uma profunda vontade de escrever teatro. Quando assim sucede, estes homens dignos atiraram-se como gente ao teatro regional á moda do Minho, e desfiam um suculento drama em que por via de regra morre bastante gente. Levam a peça ao primeiro emprezario que topam a geito e que se vê parvo para os convencer que «não têm na companhia quem faça a peça».

Depois duma curta volta pelas varias companhias as peças em questão vêm a cair ao Nacional, que é o bode expiatorio. Ali é que elas se pagam.

Num paiz triste, aborrecido e ignorante como o nosso, com os generos pela hora da morte, e a morte sem saber a quantas anda, pergunta-se: Não é natural que o publico prefira ver em meia duzia de palcos singelos e despretenciosos do que bocejar com uma literatura indigesta e insipida, onde lhe é servido a frio o desagradavel espectaculo duns tantos crimes e desastres com que êle nada têm?

O «E' preciso viver», que foi o estrondoso exito do ano passado, não é mais do que uma anedocta simples, bem contada e posta num português agradavel e sem erros.

Agradou em cheio. Ficou aberto o precedente. Porque não hão-de os nossos auctores «novos cheios de bôa vontade», trabalhar nesse genero de teatro, inofensivo e digestivo?

Os teatros e os Cinemas

Muitos actores e actrizes apontam como origem grave da crise teatral, a abundancia de cinematografos.

Ora vamos lá a pensar um bocadinho sobre o caso:

Porque é que o numero de cinemas aumenta?

Naturalmente porque o negocio é bom. E isto quer dizer que o publico vai bastante a esses espetaculos.

E isto quer dizer que gosta.

E isto quer dizer que prefere esse espectaculo a outros que lhe oferecem.

Porque?

Porque no cinema encontra todos os dias coisas novas, as suas predileções são melhor servidas, os seus prazeres são melhor alimentados.

No cinema, de uma simples cadeira, que custa cinco escudos, vê toda a parte do mundo, chora se é sentimental, vê maravilhas de *mise-en-scène* e de interpretação e... (esta piada é d'um conhecido homem de teatro) não ouve os actores...

o momento teatral

A PROXIMA EPOCA E "TREMIDINHO"

NACIONAL

Atende Luiz Pinto:

—Abro com uma «reprise» que não deve dar nada!

—Depois?

—Ponho uma tradução que deve ter a mesma sorte!

—Depois?

—Ponho o primeiro original que talvez não se represente todo!

—Depois?

—Ponho o segundo, o terceiro, e se me aguentar até janeiro tenho uma peça da Parceria prometida para o fim desse mez e dessa maneira...

* * *

POLITEAMA

Atende Robles Monteiro:

—Abro com uma «reprise». Depois monto uma peça moderna, com scenarios modernos e representação moderna!

—Arte?

—Pura e na sua maxima expressão! Quero maravilhar o publico com verdadeiros espectaculos artisticos!

—Peças novas?

—Sim! Do Ibsen, do Benavente, dos Quintero! Conto fazer arte! Pura arte!

—E materialmente?

—Sim, lá isso, é que a coisa não hade ser grande! Mas estou seguro! A Parceria prometeu-me uma peça para os principios de fevereiro, e assim salvo a epoca!

* * *

EDEN

Atende Henrique Santana:

—Vou abrir com o «Paiz do Tirismo», peça literaria! Depois outra revista tambem muito literaria!

—E depois?

—Tenho outra revista de dois novos cheios de boa vontade! Não tem graça mas é muito literaria!

—E depois?

—Depois conto estar perdendo nessa altura uns mil e duzentos contos mas como a Parceria me prometeu uma magica para fins de fevereiro, salvo todo o dinheiro!

* * *

APOLO

Atende Rafael Marques:

—Nova orientação! A Ilda vai fazer a «Galderia», depois eu faço o «Cristo», depois eu e a Ilda fazemos o «João Corta-mar»!

—E depois?

—Seguem-se mais peças do mesmo genero.

—E conta com o exito?

—Não sei! Mas como a Parceria me prometeu uma peça para principios de março, estou descançado...

* * *

MARIA VITORIA

Atende Antonio Macedo:

—Vou pôr as mulheres a fazerem o papel dos homens, e estes o de aquelas!

—Peças?

—Muitas! Um vasto reportorio!

—Seguro?

—Isso não sei. Mas como a Parceria me prometeu uma peça para fins de março, conto ganhar uma fortuna!

TRINDADE

Atende Augusto Pina:

—Abro com a «Madame Pompadour»! Depois ponho uma opereta do Esculapio e depois outra do Horta e Costa.

—E depois?

—Depois ponho mais peças, muitas peças!

—Mas assim, faz uma epoca desgraçada!

—Qual?! A Parceria prometeu-me uma peça para o principio de Abril e com ela estou certo que salvarei tudo!

* * *

SÃO LUIZ

Atende Alves da Cunha:

—O «Saltimbanco» a abrir! Depois a «Morgadinha», depois o «Frei Luiz de Sousa», depois o Araujo Pereira, depois o...

—E conta ser feliz?

—Com essas peças não, mas como a Parceria me prometeu uma peça para fins de Abril, no fim da epoca estarei rico!

* * *

AVENIDA

Atende Amarante:

—Já mandei fazer um cofre do tamanho da Praça do Campo Pequeno!

—Porque?

—Então? Calhou-me na rifa uma peça da Parceria a abrir a epoca! E depois logo outra dos mesmos autores!

—Parabens a V. Ex.a

—Não calcula o que tenho recebido de felicitações! Até já recebi um pedido do governo inglez, para lhe emprestar dinheiro!

* * *

A PARECERIA

Atende Ernesto Rodrigues:

—Estamos a acabar o «Pão de ló».

—E depois?

—Depois fechamos a «pastelaria»...

Ano I—Numero 38
O DOMINGO ilustrado

UMA NOVELA SENTIMENTAL COMPLETA

MINHA SANTINHA

Episodio leve de amor que, como todos os romances onde ha um pouco de ternura, termina por um casamento.

PEDRO alegára varias razões para adiar o seu casamento com Augusta. Que o patrão só aumentaria o ordenado para mais tarde, que a liquidação das terras que a mãe lhe deixara só se podia fazer mais para diante...

Mas a verdade é que taes razões não existiam. Pedro queria conhecer bem a mulher que ia ser sua esposa, queria aquilatar o grau de amizade que ela lhe tinha, se seria capaz de fazer do seu futuro lar, um canto tranquilo e amoroso alegre e cheio de paz, onde

O seu perfil correto a que o cabelo apartado em bandós dava um ar suave de esposa carinhosa...

a vida corresse entre sorrisos contentes e perpetuas palavras de carinho. Quando Pedro declarou:

—Sabes Augusta, temos que adiar o casamento! Só para Novembro terei as minhas coisas em ordem!—Augusta, olhou-o tristemente, mas logo com um meigo sorriso, segredou:

—Quando tu quizeres... Esperaremos...

E Dona Julia, a mãe de Augusta, limitou-se a suster um pouco a agulha com que bordava as letras no almofadão e a dizer n'um suspiro:

—Que se hade fazer? É ter paciencia!

* * *

A vida de D. Julia e de Augusta era um pequenino problema para Pedro.

Augusta tinha-lhe contado: Viviam de uma pensão deixada pelo pae, morto no mar quando comandava uma canhoneira que fazia o cruzeiro dos Açores. Escaça pensão, as duas mulheres bordavam e faziam roupa branca para fora e lá iam vivendo, sem luxos, sem vaidades, sem gostos superflos, firmes na esperança de dias melhores.

Ás vezes, até manhã alta, as duas costuravam sob a luz baça do «abat-jour», naquela obrigação infeliz de quasi ganhar o pão de cada dia! Ouvia-se apenas o tic-tac egual do relogio da casa de jantar e de espaço a espaço o baque da tesourinha caindo no sobrado.

Augusta tinha lindas mãos. Finas e esguias, mergulhavam o aço reluzente da agulha no tecido alvo da cambraia, com uma graça que encantava. E, no silencio da casa sob a luz amarelada que o «abat-jour» projectava, a cabeça inclinada sobre o bastidor, Augusta era bonita. O seu perfil correto a que o cabelo apartado em bandós dava um ar de imagem sagrada, ficava bem iluminada pela luz fraca do candieiro. Pedro gostava de a ver assim, gabava-lhe o afilado dos dedos, a destreza e cuidado com que bordava e beijando-a na testa, chamava-lhe numa caricia:

—Minha Santinha!

* * *

Naquele anoitecer, Pedro, como de costume, foi encontrar mãe e filha na pequenina casa de costura.

Augusta, olhou-o muito sorrindo e depois, num ar de ingenuidade, feita creança, disse-lhe:

—Vens hoje muito bonito!

—Eu?

—Sim! Não é verdade mãe, que o Pedro vem hoje mais simpatico?

—Não sejas tonta! Tu é que estás melhor disposta!

—Tua mãe tem razão! Tens hoje o ar de uma pessoa contente!

—E queres saber porquê?—perguntou Augusta pondo-lhe uma das mãos sobre um joelho—Porque estive a fazer as contas e vi que faltam só quatorze semanas para nos casarmos!

—Sabes... mandei-o para o ourives... caiu-lhe uma perola...

—Bem diz tua mãe que és tonta! Mas...—e Pedro tomou-lhe rapidamente a mão—Não trazes hoje o anel que te dei?

—Não... não trago!—disse Augusta ruborisando-se e começando a bordar rapidamente.

O anel fôra um presente de Pedro quando passou o primeiro aniversario daquele noivado. Era muito simples, modesto. Uma pequenina esmeralda com seis perolas em volta. Uma recordação.

—Mas não o trazes porquê?

—Porquê... porquê... Estive a lavar as mãos... Deixei-o no «toilete»!

—Ah!

Mas o rubor e a pressa com que Augusta trabalhava, eram muito pronunciados para Pedro não atender neles.

—Deixaste-o no «toilet»?... Vê lá se o perdes...

—Não!... Mas dize cá. A que horas saiste do escritorio!—e Augusta tentava distrair a conversa.

—Ás cinco, como de costume!

—Ah!

Pedro notou que Augusta procurava que ele não lhe olhasse a mão, a fim de não se recordar mais do anel.

—Augusta! Concerteza, deixaste o anel no «toilet»?

—Concerteza!...

—Então faze-me um favor: Vai busca-lo!

—Mas... para quê?...

—Não gosto de te ver sem o anel!

—Para quê!—disse Dona Julia—Deixe-a lá sr. Pedro. Aquele trabalho é para estar pronto amanhã de manhã!

—Um minuto não faz falta! Vai buscar o anel, anda...

—Mas... Sabes, cahiu-lhe uma perola... Levei-o ao ourives para...

—Não mintas! E porque está com lagrimas nos olhos! Que fizeste do anel!

—Eu...

—Bem!—e Pedro levantou-se bruscamente—Vou-me embora. Quando quizeres explicar, voltarei.

—Pedro!—e Augusta rompeu n'um soluçar nervoso, compungente.

—Senhor Pedro—disse Dona Julia com voz comovida—Não me leve a mal, mas fui eu...

—A senhora? Mas...

—Era preciso pagar ao senhorio! Na loja não nos pagaram no sabado passado porque fechou e os socios não teem dinheiro... Fui eu, fui eu que disse á Augusta que me emprestasse o anel para ir empenhar... Era preciso pagar ao senhorio... Mas logo que receba a pensão de meu marido, irei buscal-o... Não a culpe, fui eu... fui

—Minha santinha...

eu... era preciso para ao senhorio...

* * *

Fui um dos convidados que assistiram ao casamento de Pedro e Augusta. O seu ar de contentamento enchia todos os olhos de alegria. Ela, toda de branco, muito palida, tremia receiosa quando lhe deu o braço, e á porta da egreja, quando me aproximei para lhes desejar uma vida feliz, vi que Pedro, antes de ninguem, beijava carinhosamente a mão de Augusta dizendo-lhe:

—Minha santinha...

Aquele que viu...

UMA NOVELA DE AVENTURAS COMPLETAS

AS PEROLAS MORTAS

Pagina policial curiosissima que conseguimos obter e que faz parte dum caderno de "Apontamentos dum gatuno bom"

A pagina que se segue veionos parar ás mãos por intermedio duma alta figura dos meios policiais. Trata-se dum caderno de *Apontamentos dum gatuno bom* que existe na policia, e onde um antigo ladrão, hoje morto, confessa como roubou e o que fez de determinadas joias e quantias.

Não era um gatuno vulgar. Pelo contrario, tratava-se duma pessoa de larga cultura e muito viajado, que talvez influenciado pelas leituras de Maurice Leblanc e Conan Doyle, pretendeu fazer uma edição portuguesa dos celebres herois dos dois novelistas estrangeiros.

... aquela e a Suzana...

Esse homem, que depois fugiu para o Brasil e dahi para Africa, foi sempre um misterio para a policia, que nunca comprehendeu se se tratava dum homem sincero e extravagante, se dum gatuno hipocrita e fino, que assim disfarçava os seus autenticos roubos, se ainda dum kleptomaniaco em grau avançado.

Pois pegamos no entrecho d'essa pagina, e reconstituimos a narrativa.

* * *

Para essa noite eu tinha comprado um bilhete para S. Carlos, por um preço fabuloso. Era uma festa de caridade, promovida por uma senhora Castelo Melhor, e era tambem a primeira vez que, depois da aventura do 5 de Dezembro, a gente elegante aparecia. Horas antes ainda o Governo Civil estava cercado de tropas, e á noite já o teatro estava cheio de tudo o que havia de melhor.

Eu estava então hospedado no hotel Borges. Vi as senhoras que foram para o jantar, já vestidas, ostentando toilettes riquissimas e joias fabulosas. Havia a preocupação, da parte dos monarquicos, de *não mostrar medo*. Eu, vestia a minha casaca, puz uma condecoração falsa que me tinha dado uma russa empregada na Embaixada do seu país em França, e fui para o teatro.

O largo estava pejado de automoveis e trens. A sala estava li. da. No antigo camarote real estava o Sidonio e os cadetes. Todas as mulheres o olhavam. O espectaculo foi soberbo. Num intervalo, eu ouvi, na coxia ao pé das frizas, dois rapazes conversarem:

Dizia um:—Vês as perolas da Zulmira? Valem cem contos.

—Ora, ora!—Dizia outro—repara para aqui...—E. apontava uma frisa, muito perto.—Aquela *parure* que tem a Suzana, e que era da mãe, vale hoje duzentos muito por baixo... E, lembrar-se a gente que ela é tão estupida...

—Está só...—disse o outro.

—E' verdade, sósinha numa frisa... E eu que não vejo nada da minha cadeira. Estou capaz de ir para lá este acto.

—E o marido?...

—Está em Africa...

* * *

Não tirei mais os olhos da senhora da frisa. A *parure* era com efeito uma coisa assombrosa.

Apenas me lembro de ter visto uma semelhante, á Rotchilde, em Paris.

No intervalo encontrei gente conhecida, e perguntei: Quem é aquela mulher?

Contaram-me então a vida do casal.

... tomou um «coupe» simples da Companhia...

Ele, em sordidos e escuros negocios. Ela, na insipida vida dos chás, com pretensões literarias e o mais impertinente snobismo desde os pés até á cabeça. Durante o outro acto voltei ao hotel. Meti no bolso a pequena pistola de nikel, e tornei a sair.

No caminho pensei. Aquela mulher já hoje não ficará com as perolas que tem sobre o pescoço, aquelas perolas inuteis e mortas que ali descançam e podem vir a ser um tão grande capital transformador de energias e de trabalho...

* * *

A saida de S. Carlos teve aspectos de capital civilisada. Chovia um pouco. As pedras brilhantes refletiam os lampeões dos carros, e as peles caras, e as «sorties de bal» faziam um deslumbrante efeito.

A senhora da friza não entrou no seu sumptuoso automovel.

Já no atrio eu a tinha ouvido dizer para umas amigas:—Esta maçada do «chauffeur» doente. Não gosto nada de ir com um cavalheiro desconhecido... As outras ainda lhe ofereceram o seu carro, mas ela amavelmente recusou, alegando que era caminho oposto e já era tarde.

Quando lhe coube a vez na bicha, trepou para um «coupé» simples da Companhia e o carro tornejou ao Chiado e desceu ao Alecrim.

Eu meti-me num auto de praça, e disse ao «chauffeur»:—Segues aquela tipoia, sou da policia,—e mostrei-lhe o meu antigo cartão. Na cidade deserta e escura o «coupé» ia avançando devagar. Duas vezes tivemos que parar para o não alcançar logo. Dobramos ao Aterro, Largo da Esperança e entramos na Calçada Marquês de Abrantes. Ahi, despedi o «chauffeur» e segui a pé, junto dos predios e sob a chuva das goteiras. O «coupé» ia a passo pela calçada acima.

Rapidamente abri a portinhola, sem que o cocheiro visse.

Apontei-lhe o revolver. Ela deu um grito surdo que eu abafei com o cloreto de etylo que lançara no lenço. Estonteada tombou sobre o meu hombro. Corri as cortinas, premi a lampada electrica e pude tranquilamente desapertar o fecho de diamantes que fechava os colares. Deixei-lhe sobre os joelhos um cartão que dizia: «Não faça queixa á policia. Dentro dum ano terá de novo as suas perolas. Amanhã receberá uma imitação perfeita destas, que pode usar sem receio. O capital que o seu colar representa será posto em circulação, pois com ele será montada uma fabrica onde algumas centenas de operarios sem trabalho ganharão. Frutificará em pão e alegria, aquelas perolas que sobre o seu peito estavam mortas para sempre».

* * *

Ergui no Barreiro a fabrica dos desperdicios de cortiça que tão grande exito teve, com o dinheiro que obtive empenhando no Monte-pio o famoso colar, dividido em seis parcelas.

... tranquilamente tirei-lhe o colar de perolas...

Um ano depois, Suzana de M. recebia o seu colar de novo ligado, e enviava-me em troca a falsificação Kepla que eu lhe mandara.

No segundo ano os operarios, a meu pedido compraram e mandaram-lhe uma perola—a unica perola viva daquele colar que eu tirei do belo sarcofago do seu peito.

Foi este o meu primeiro grande roubo de Lisboa.

Pela narrativa.

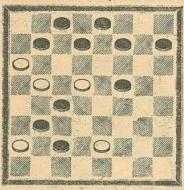
O Reporter Misterio

PASSA-TEMPO

Solução do problema n.º 36

	Brancas	Pretas
1	13-17	22-13
2	21-25	4-29
3	12-16	20-11
4	6-1	13-6
5	1-24-31-22-4	
	Ganha	

PROBLEMA N.º 37

Pretas 10 p.

Brancas 5 p.

As brancas jogam e ganham. Subentende-se que as casas tracejadas são as brancas.

—

Resolveram o Problema n.º 35 os srs. Artur Santos, José Brandão, José Magno, Um Chiquito (Bragança), Um oficial (Penafiel) e Neulame (Figueira da Foz), que nos enviou o problema hoje publicado.

O problema n.º 34, publicado no numero anterior, foi-nos enviado pelo nosso já conhecido amador, que deseja ocultar-se sob o pseudonimo Um principiante (Carvalhos).

—

Toda a correspondencia relativa a esta secção, bem como as soluções dos problemas, devem ser enviadas para o «Domingo Ilustrado», *secção do jogo de Damas*. Dirige a secção o snr. João Eloy Nunes Cardozo.

NO PROXIMO NUMERO

CRONICA ALEGRE

DE HENRIQUE ROLDÃO

QUINZE DIAS DE DESCANÇO

CORREIO DO

ROBUR. — A união faz a força...

BISTRONÇO. — Muito agradeço a colaboração enviada. Vem tudo na ordem.

REI-FERA

—

INDICAÇÕES UTEIS

Toda a correspondencia relativa a esta Secção deve ser endereçada ao seu director e enviada a esta redação.

Publicamos toda a qualidade de produções charadisticas, que nos forem enviadas, desde que obedeçam ás regras já sobejamente conhecidas dos srs. charadistas.

E' conferido o QUADRO DE HONRA a quem nos envie todas as decifrações exactas, entregues até cinco dias após a saída dos respectivos numeros.

Os originaes, embora não publicados, não se restituem.

Ao director desta Secção assiste o direito de não publicar originaes que julgue imperfeitos ou estejam fóra das regras.

SECÇÃO A CARGO DE ***REI-FERA***

QUADRO DE HONRA

VAGO

QUADRO DE DISTINÇÃO

23 DECIFRAÇÕES

LOPES COELHO, ARIEDAM

22 DECIFRAÇÕES

REI-MORA

21 DECIFRAÇÕES

BISTORNÇO ROBÚR

18 DECIFRAÇÕES

A. M. C., VASCO H. DIAS

DECIFRADORES DO N.º 36.

OUTROS DECIFRADORES:

ERRECÊ, 15 — PRIMO-LOBO 14 — DROPÊ, 13 — JOSICAR, 10 — AULEDO, 10 — BIO, 9 — REIROBI, 8

DECIFRAÇÕES DO NUMERO PASSADO:

Charadas em verso: Metropole, Tubarosa, Infeliz.
Logogrifo: — Ao entrar, saudamos o ilustre Rei-Fera.
Charadas em frase: — Tamboril, Avelã, Inclemente, Frontaleira, Barca, Maquina, Homero, Achatina, Dinamarquez, Umbroso,
Sincopadas: — Almeida-Alda, Finhota-Pita.
Electricas: — Ajol, Loja, Ana.
Em quadro: — Baat, Alca, Acre, Tael,
Em triangulo: — Piaculo, inciso, aceso, cisa, uso, lo, o.
Tipograficos: — Desalinhados, Sobre queda couce, Submarino.
Enigma figurado: — Um em papo, outro em saco e chora pelo do prato.

CHARADAS EM VERSO

Ofereça sem receios, — 1
Essa *pedra de amolar* — 2
A' dama dos seus anceios,
Aquela que diz amar.

O conceito as damas uzam
E os homens gostam de ver;
Mesmo algumas dele abusam,
Até mais não poder ser...

AVIEIRA

Mulher que, *desesperada*, — 2
Zombava de toda a gente, 2
Sentia-se acabrunhada
com a *teima renitente*.

A. M. C.

Duma serra fui ao *cimo*, — 2
Jurei não mais lá voltar;
Com sol *oeste* só faltou
Em *funumbulo* me tornar.

AULEDO

LOGOGRIFO

(A Rei-Feira, com admiração)

A sua *maneira* de proceder, — 10—16—4
Com a minha *mediocre* pessôa — 2—8—12
Obriga-me com gosto, a vir dizer,
Que a sua gentileza, é *grande* e bôa, — 3—12—9

Por isso, num *pequenino poêma*, — 14—7—11
Escrito *ao acaso*, sem pretensão, — 13—19—5
Eu adopto o meu antigo sistema:
Pagar amisade com gratidão.

Perdoe *Rei-Fera*, a minha liberdade,
Que se é fraca tem uma *qualidade*, — 15—19—17
E que reveste *um unico* intento: — 1—6—14

Provar-lhe quanto estou agradecido
Pelo modo como fui recebido,
Enviando-lhe um *sincero comprimento*.

Porto — ERRECÊ

CHARADAS EM FRASE

A *primeira letra* que se escreveu na *historia*, foi escrita por *um dos filhos de Lycaon* — 1—2.

Porto — REI DO ORCO (G. E. L.)

CHARADAS EM FRASE

(Ao confrade Hicco-Zonhi)

E' *desagradavel* pôr *dificuldade* á *multidão*, a quem tem esta *profissão*, — 2—1—1.

4 MADUROS

Apróa o navio com comiseração e de modo altivo — 3—1

A. M. C.

Não é *obstaculo* que cause grande *encomodo*, uma *trincheira de fortificação* — 2—3.

Guarda — HICCO-ZONHI

Ele *pensa* com a mão no *queixo*, sobre a *sentença do juiz* — 2—2.

JAMES & MICHAEL

O homem da *maça*, quando entrou no *esteiro*, dirigiuse á *tesouraria* — 2—2

AVIEIRA

Cuidado! Não *faça troça* da *carta do juiz* — 3—2.

Porto — ERRECÊ

A *mulher* caíu ao *rio* quando apanhava uma *planta* — 3—2.

OSOR

Apanha uma pulga neste *rio* e ficarás com uma *ave* — 2—2.

REI-BARRO

SINCOPADAS

3 — A *filha de Esculapio* tinha um *papagaio* — 2.

Porto — REI DO ORCO (G. E. L.)

3 — Com a *gesticulação*, consegui tirar um microbio da *migalha* — 2.

AVIEIRA

AUMENTATIVA

Levei *pancada* por dar *pateada no teatro* — 2.

BISTRONÇO

ELECTRICA

Vi esta *saliencia*, no manto dum *beduino* — 2.

REI-BARRO

DUPLA

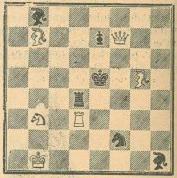
Atiro-te o *vaso* á *cara?* — 1—2

BISTRONÇO

A correspondencia sobre esta secção póde ser dirigida a Pereira Machado, Gremio Literario, Rua Ivens, n.º 37

PROBLEMA N.º 37

Por J. B. de Bridport (1853)

Pretas (6)

Brancas (6)

As brancas jogam e dão mate em dois lances.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 35

1 B 4 R

O problema de hoje é talvez o mais antigo problema construido em linhas modernas de beleza e complexidade.

O seu tema inspirou exemplos sem conta. Fuga com auto-obstrução e intercepções.

O autor usava só das iniciaes do seu nome que querem dizer John Brown.

TRUNCADA

Numa linda *embarcação*
Chegou hontem a Soledade,
Para vir passar o verão
Nesta formosa *cidade*. — 3

AFRICANO

TIPOGRAFICOS

Q / O	P	D / O

VASCO H. DIAS

Q / 500 A	IMEDIATAMENTE	500 A / 500 A

A. M. C.

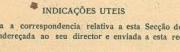
51 / 1000

AULÉDO

ENIGMA

Ela, um tesouro
para guardar.
Ele, um estupido
sempre a parar.
No aumentativo
é o enfado
que ele causa
estando amuado.

RUBOR

VARIA

RESPOSTAS A CONSULTAS

WALKIRIA.—Boa força de vontade algo impaciente, vaidade intima, bom gosto para tudo. Boa memoria, distinção, imaginação creadora, teimosias em certas coisas sem importancia, generosidade, lealdade, amor á mentira sem consequencias.

IZEU.—Optimismo, um pouco de egoismo, mutos nervos, preocupa-se demais com o que, procuram os outros, imaginação viva. Inteligencia intuitiva, orgulho de si propria, generosidade como convem, espirito religioso, vergonha de parecer ridiculo se faz actos de meiguice.

DININHA.—Fraca força de vontade, intuição, imaginação um pouca exaltada, nervos mal dominados, inteligencia muito bôa mas mal aproveitada, generosidade impulsiva, vaidade pueril, ordem desordenada. De quando em quando mente.

MINON.—Inteligencia, ideias proprias e independentes, sentimento da poesia; dedicação bom gosto, amor á estetica, ideias largas, espirito concentrado ordem, generosidades intermitentes, verdadeiro.

PSAG CHASCA IPA.—As qualidades são: ser muito inteligente, valente e energico, e pouco ou nada vaidoso, já são quatro. Contemos agora os defeitos, egoismo, ambição, por vezes irrita-se tanto que treme, quasi agressivo, exaltação espiritual que o arrasta a coisas que não queria fazer. Originalidade, verbo facil e ameno, pessimismos, doença nervosa? aptidões para as sciencias, generosidade calculada, exaltações, amor á discussão.

CHIQUINHO D'AMORA.—Boa memoria, curiosidade, egoismo não muito assentuado, espirito religioso, pouca reserva; é muito mentiroso. Tudo isto, naturalmente ha-de desaparecer depois, uma vez em que todos evolucionamos tanto moral como materialmente e o seu caracter não está ainda formado, visto a sua pouca edade: Em todo o caso o seu maior defeito é mentir e a sua melhor qualidade é ser inteligente. Procure cultivar-se com proveito.

F. S. P. S.—Inteligencia mais intuitiva que paciente, grande imaginação, generosidades impulsivas sentimento artistico, grande vaidade de idealismo. Amor á discussão, caracter apaixonado, discreto num segredo confiado, e nada com os seus. Bom gosto, força de vontade impaciente, amor á musica, algo irascivel e sensualidade forte.

JUZITA.—Boa força de vontade, reserva absoluta, boa memoria para as coisas e má para o estudo, curiosidade, lealdade, generosidade impulsiva, bom gosto artistico, trato original, não toma amisade a toda a gente, pois é dificil de contentar, pouco ou nada vaidosa. Sabe dominar-se e ocultar os seus pensamentos, que são muito seus.

JORGEDMOND — Caracter voluntarioso apaixonado, e ciumento, pretende ser bom diplomata mas o seu temperamento e as seus nervos denunciam-no, muito sensual, generoso leal, má memoria. «Birras» (passez moi le mot) de criança, espirito religioso inconfessado.

UMA QUE ADUROU UM INGRATO—Pouca vaidade e muito orgulho, medo a ser franca o que a tem prejudicado muito, bom gosto pelo lar, caracter afavel, simples e dedicada, muito sensual e ciumenta...

B. S. M. O.—Inteligencia pouco cultivada amor á dança e á musica, algo egoista, boa memoria, boa imaginação, nervos irrequietos, pouca meiguice, tenacidade.

PEPITA.—Caracter bondoso e simples, juizo claro o justo das coisas, equilibrio moral, generosidade bem entendida, religiosa, memoria que já foi melhor, lealdade.

JOLA «Alcacer do Sal».—Inteligencia asimilavel, nervos fortes, caracter impulsivo, amigo do seu amigo, generoso sem prodigalidades, um tanto pessimista; orgulho de si proprio, curiosidade, idealismo, desordem, trato afavel e facil dedicação, bom gosto.

A DAMA ERRANTE

Quer saber o seu caracter? As suas qualidades e defeitos? Envie seis linhas manuscritas em papel não pautado, acompanhada de um escudo para—*A DAMA ERRANTE*.

RUA D. PEDRO V, 18,—LISBOA

HORIZONTALMENTE

1—Nota de musica 2—Carta 3—Nota de musica 4—Artigo arabico 5—Ocasião 6—Criminosa 7—Tumor 8—Nota de musica 9—(aut. concubina 10—Raiva 11—Os dois terços do asse 12—Grande arteria 13—Campo semeado de trigo 14—Embarcação 15—Tres letras da palavra «Corre» 16—Falhar 17—Tirar 18—Nome de mulher 19—Partida 20—Poema lirico 21—Pedra do moinho 22—Afia o lapis 23—Marca de automoveis 24—Pedra 25—Amfibio 26—Carta 27—Nota de musica 28—Elemento.

VERTICALMENTE

1—Nome de mulher 3—Adicionas 5—Transfere 6—Folgava 8—Logar onde se compram generos alimenticios 10—Caminhava 11—Embarcação 16—Soltarais 17—Curar 29—Saudavel 30—Nome de mulher 31—Ente 32—(litturg.) Encarregado do cuidado dos bens da egreja 33—Especie de papagaio 34—Rio portuguez 35—Epoca 36—tiras de madeira 37—dar aos remos 38—Ofertar,

AOS NOVOS

Concurso de novelas curtas

para serem publicadas em

O DOMINGO ilustrado

SEMANARIO R. D. PEDRO V-18 LISBOA — AGENTES EM TODA A PROVINCIA COLONIAS E BRAZIL

NOTICIAS & ACTUALIDADES GRAFICAS — TEATROS, SPORTS & AVENTURAS — CONSULTORIOS & UTILIDADES.

O nosso jornal é um jornal moderno, com uma orientação propria e definida. Em nove meses de existencia, temos constantemente renovado o nosso aspecto grafico, as nossas secções, variado a leitura e levado a efeito, dois concursos que resultaram formidaveis exitos: o da actriz mais bonita e o do melhor jogador de foot-ball.

Seguindo o nosso programa, de variar quanto possivel a nossa leitura creando interesse no publico, abrimos um novo concurso, este entre todos os novos que se sentem atraídos pela fulgurante arte das letras.

UM CONCURSO DE NOVELAS

nas seguintes

Condições:

— Os concorrentes entregarão os seus escritos até ao dia 30 de Outubro nesta redação, em carta fechada e dirigida ao CONCURSO DE NOVELAS CURTAS.

— As novelas deverão ser escritas em letra legivel, duma só face do papel e nunca superiores a quatro folhas de papel almaço.

— O tema das novelas pode ser, policial, tragico, sentimental ou de aventuras.

— Deverão ser observados os principais caracteristicos das novelas que aqui temos publicado, e que são: Acção rapida, humana, consisa, dividida em pequenos periodos e de preferencia focando a vida dos nossos dias, nas suas tragedias e ambientes.

3 GRANDES PREMIOS

CONSTITUIDOS POR OBJECTOS DE ARTE

MAIS 6 PREMIOS

CONSTITUIDOS POR OBJECTOS DE UTILIDADE

TODAS AS NOVELAS QUE O JÚRI CLASSIFICAR, SERÃO TAMBEM PUBLICADAS NAS NOSSAS PAGINAS.

A CASA "BARRETO & GONÇALVES"

OURIVESARIA da Rua Eugenio dos Santos, 17

ofereceu para este concurso uma magnifica faca para cortar papel, em marfim, com cabo em prata; verdadeira obra artistica de grande valor.

¡A TODOS OS NOVOS INTERESSA O CONCURSO DAS NOVELAS CURTAS!

CORRESPONDENCIA:

CARLOS DE N.:—(Lisboa). Recebemos as novela de V. Ex.ª
PETER PAULUS:—(Lisboa). Recebemos a novela de V. Ex.ª
VICENTE R. FERREIRA:—(Porto). Recebemos a novela de V. Ex.ª
SOUSA CRUZ:—(Lisboa). Recebemos a novela de V. Ex.ª
SELCIO DINIZ:—(Silves). Recebemos a novela de V. Ex.ª
A. D. ESCALEIRA:—(Lisboa). Recebemos a novela de V. Ex.ª

O que a grafologia diz da gente de teatro

(ANALISES FEITAS SOBRE AUTOGRAFOS)

POR

A Dama Errante

Ilda Stichini

Boa inteligencia, «charme». «savoir faire», bom coração mas pouca meiguice. Ama muito a «galeria». Idealismo, intuição, trato afavel, egoismo, vaidade, habitos de boa vida.

Luiza Satanella

Força de vontade impaciente, grande imaginação, caracter veemente e apaixonado. Curiosidade insaciavel, bom gosto, facil palavra e persuasiva. Generosidade, sentimento artistico, mais intuitivo que pensado. Idealismo, idéas largas e humanitarias, ordem, espirito algo ironico, muito romantico no fundo. Quereria ser mais religiosa do que é. Intuição e superstição.

Laura Costa

Força de vontade, tenaz, vaidade, orgulho, trato afavel. Generosidade, bom gosto para «bibelots». Idéas mudaveis, não sendo de assunto de interesse. Sensualidade forte, energia moral, idealismo, espirito religioso. Caracter facilmente irascivel.

Chaby Pinheiro

Inteligencia intuitiva mas muito cultivada, bom coração e mau caracter. Ideias largas e proprias, nervos que custa a dominar. Amigo de proteger sempre que póde, boa memoria, espirito na palavra. Caracter impulsivo. Um tanto teosofo (?), amor á verdade... e aos doces...

João Bastos

Inteligencia clara e creadora, bom gosto artistico, originalidades, boa saude, energia moral e material, generosidade prodiga mas intermitente; imaginação calma, sentimento de poesia em prosa, ordem, amor á estetica. Geito para mandar, sensualidade forte amor ao trabalho. Optimismo natural de quem tudo espera de si proprio e nada dos outros.

Ernesto Rodrigues

Graça e espirito, fraca força de vontade que julga ainda mais fraca, boa memoria e sentido pratico das coisas. Pouca vaidade e muito orgulho, intuição, amor ás artes e á discussão, generosidade bem entendida, amor á estetica, bons sentimentos, amigo do seu amigo, impulsos contidos, rajadas optimistas que passam pronto, espirito religioso inconfessado. Ambições, espirito critico, sensualmente cerebral.

Felix Bermudes

Boa força de vontade julgando o contrario, generosidade, boa memoria, ordem, grande vaidade. Pouca reserva de si... e dos outros. Habilidade manual. Em arte ama o plastico, da musica... diz que gosta muito, mas no fundo, não está muito seguro d'isso. Amavel, simpatico, de palavra facil e espirito ironico. Dedicado aos seus, caracter leal e aberto, ambição sem egoismo, idealismo, *muito boa pessoa.*

NO PROXIMO NUMERO: — Amelia Rey Colaço, Maria Lourdes Cabral, Rafael Marques, Amarante, Nascimento Fernandes, Luiz Pinto.

O DOMINGO ilustrado

ASSINATURAS
CONTINENTE E HESPANHA
ANO — 48 ESCUDOS —
SEMESTRE — 24 ESC. —
TRIMESTRE — 12 ESC. —

ASSINATURAS
COLONIAS
ANO, 52$20 - SEMESTRE, 26$10
ESTRANGEIRO
ANO, 64$64 - SEMESTRE, 32$32

NÃO FAZ CAMPANHAS ~ PUBLICA TODA A RECLAMAÇÃO JUSTA ~ NÃO TEM POLITICA

As corridas de cavalos em Cascais

Após o sinal da partida. O capitão Sr. Ribeiro de Carvalho inicia uma brilhantissima arrancada no seu famoso cavalo de corridas. *(Cliché Ferreira da Cunha).*

Veja o nosso concurso de novelas curtas